

também os alemães interessados nas coisas do Brasil. O senhor deu-lhes a oportunidade de publicarem artigos, resenhas e comunicações. Além disso, para os alemães na Alemanha, o anuário era uma das janelas abertas para um pedaço grande e bom do mundo fora da Alemanha: o Brasil, mais um continente do que um país.

A contribuição que o senhor deu à Etnologia na Alemanha e a criação do *Staden-Jahrbuch* no Brasil são, ao meu ver, as suas principais realizações na área do intercâmbio teuto-brasileiro. Destaco apenas estas duas na qualidade de cidadão da República Federativa da Alemanha, mas agradeço não só como alemão, mas também como indivíduo, pois tirei proveito pessoal dessas atividades. Os seus estímulos levaram-me a meditar mais profundamente sobre a terra e a gente do Brasil e a compreendê-las melhor, o que me propiciou uma vida privilegiada e feliz neste país.

Ao Senhor Cônsul Geral, o meu agradecimento pela oportunidade de fazer uso da palavra nesta ocasião tão significativa. Ao Professor Schaden e à D. Margarida, os meus parabéns. Obrigado a todos”.

(T.H.)

\*

#### DR. FLORESTAN FERNANDES: PROFESSOR EMÉRITO DA USP

A Congregação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, em sessão solene realizada em seu Salão Nobre, em 15 de dezembro de 1985, homenageou o conhecido sociólogo, outorgando-lho o título de Professor Emérito. A homenagem foi em reconhecimento ao trabalho intelectual do ilustre mestre que formou, na USP, toda uma geração de sociólogos, cientistas políticos e antropólogos que hoje responde pelo ensino e pela pesquisa das Ciências Sociais nas mais importantes universidades brasileiras.

Seu ex-aluno, Dr. Gabriel Cohn, atual Professor Titular do Departamento de Ciências Sociais, onde por várias décadas o homenageado foi docente, falou em nome da Congregação, com a seguinte saudação:

“Esta Congregação reúne-se hoje para prestar homenagem a um professor da USP que só mesmo à força se afastaria dela. E foi preciso, como bem lembramos, um ato ditatorial para afastá-lo da Universidade com que se identifica no melhor sentido: ao deixar nela a marca do seu trabalho de mestre e intelectual militante.

A marca do grande mestre é sempre paradoxal: seu timbre está impresso na produção intelectual de pelo menos uma geração mas sua própria trajetória é vinicamente pessoal e inimitável. Ao se destacar ele não está aí para ser seguido





O Prof. Florestan Fernandes fala à Congregação, tendo a sua direita o Prof. Gabriel Cohn e a sua esquerda o Prof. João Baptista Borges Pereira, Diretor da FFLCH.

mas para ser enfrentado. O grande mestre, o professor emérito, não impõe soluções e induz à subserviência, mas apresenta desafios e incita à coragem. Medido por esses critérios, Florestan Fernandes é um mestre até a medula; instigante, inquieto, contraditório no miúdo, mas inteiramente coerente no essencial. E o que é essencial, na sua trajetória em pleno andamento? É sem dúvida o seu empenho em ser inteiramente sociólogo. E ser inteiramente sociólogo, para Florestan, sempre significou ser simultaneamente homem de ciência e homem político. Significa associar o rigor metodológico do cientista ao empenho militante do cidadão.

A síntese desses dois temas, que singulariza a posição de Florestan, consiste em que, nele, a reflexão orienta-se para uma intervenção na realidade *como sociólogo*. É verdade, que, de algum tempo a esta parte, o próprio Florestan parece ter sido levado a encarar com uma ponta de ceticismo essa concepção basicamente iluminista, em que um conhecimento disciplinado pelo rigor do método ganha sua dimensão prática pela sua capacidade de discernir as formas de expansão da racio-



nalidade no interior de processos sociais em curso e de fustigar o que eles tenham de irracional. Mas esse ceticismo, se houver, não se aplica com justiça ao cerne da sua reflexão. É que nele sempre foi muito clara a percepção de que a passagem do conhecimento social para a prática política fica a meio caminho quando se esgota na definição de formas de controle, por racionais que sejam. Controle racional da sociedade, sim, mas com uma condição inarredável: que seja democrático.

Ciência e política, conhecimento e militância, mudança social controlada e democracia, reforma e revolução — tudo isso converge para a tensão, sempre presente no pensamento de Florestan, entre o tema da ordem, que se define na análise, e o tema da democracia, que se define na intervenção prática na realidade social. E é essa tensão que dá o tom cripado, por vezes áspero, a sua obra. Mas isso não se reduz a uma questão de estilo. Trata-se de algo mais concreto, de uma relação problemática com uma sociedade também problemática, que resiste aos esforços para a construção da *ordem democrática*, único meio de resolver essa tensão. Os padrões cientificamente discerníveis de organização da sociedade e os dilemas da constituição histórica de uma ordem social democrática constituem, para Florestan, dois registros diversos de um mesmo grande problema. A boa formulação do problema numa sociedade concreta, aqui e agora, requer uma formação e uma perícia específicas, as do sociólogo; e a boa resposta não se obtém sem o engajamento militante como cidadão.

É nessa ordem de preocupações que também podemos encontrar as raízes de uma variante muito pessoal de ecletismo metodológico que ele elaborou, com base nas contribuições dos três grandes clássicos, Durkheim, Weber e Marx. Ao Durkheim, em busca de uma ciência social apta a ministrar diretrizes inequívocas para a intervenção racional na sociedade, com vistas a sanar os seus problemas e abrir caminho para que ela se desenvolva conforme seu padrão intrínseco, junta-se o Weber às voltas com uma sociedade incapaz de resolver os problemas derivados de uma revolução burguesa frustrada, e a ambos junta-se o Marx das macro-análises histórico-estruturais e da colocação na pauta de debates dos temas da luta de classes e da revolução. Importa aqui frisar que a solução encontrada por Florestan para as questões que o preocupavam, mediante o recurso aos clássicos, têm um caráter muito particular. Isso não foi aprendido de terceiros mas constitui uma solução própria. Dos pioneiros europeus na USP, ele não extraiu isso, mas sim a exigência de que a ciência se faça sem concessões, com o mais alto grau de rigor possível e sempre buscando suas formulações mais desenvolvidas. Uma vez incorporado esse dado básico, a busca dos elementos que efetivamente constituiriam seu repertório conceitual, converte-se numa busca muito pessoal. Em parte isso talvez derivasse da sua condição relativamente marginal social e cultural em momentos decisivos da sua formação e mesmo da sua vida profissional. Mas a isso deve-se somar o sempre presente empenho na militância política, que o levou, em 1964, a traduzir e apresentar Marx e, mais tarde, o levaria a não



seguir a via durkheimiana no sentido de Parsons nem a via weberiana no sentido de Aron, mas a incorporar a via marxista no sentido de Lenin. Um Lenin, aliás, interpretado como só um sociólogo o faria — e um sociólogo que um dia sentira o fascínio pela solução muito européia para problemas semelhantes dada por Mannheim, mas que não ficara preso a ela. (Aliás, a pesada marca de Mannheim no pensamento social brasileiro na década de 50 e o modo como Florestan passou por isso, merecem mais atenção dos nossos historiadores das idéias).

Uma questão básica para Florestan sempre foi a da possibilidade de se dizerem, de uma maneira especificamente sociológica, coisas que são politicamente relevantes, mas que escapam à perspectiva estritamente política. A vinculação fundamental entre o sociólogo e o cidadão tem como fulcro essa questão. A busca da resposta para ela singulariza em boa medida a posição de Florestan e encontra sua contrapartida em conceitos decisivos, como o de “ordem social competitiva”. Longe de ser um eufemismo para “sociedade capitalista” ou “sociedade burguesa”, esse conceito forma o ângulo específico pelo qual a sociedade possa ser pensada sociologicamente e não economicamente, ou politicamente. Não se trata de questão de linguagem, de substituir um economês por um sociologuês por exemplo, mas de fazer justiça à diversidade de níveis e dimensões da própria sociedade. É por essa via que o tema da ordem social competitiva vai-se desdobrando nos temas do desenvolvimento, da dependência, da revolução burguesa, da revolução socialista: cada vez mais saturado de conteúdo político mas sempre buscando explorar a vertente propriamente sociológica dos problemas. Problemas que, afinal, acabam sempre reduzindo-se a um, decisivo: o da construção da ordem social democrática, com particular referência ao Brasil.

Por isso mesmo, a reconstrução dos padrões de organização da sociedade não basta, por indispensável que seja. É preciso conhecer também as escolhas difíceis, os dilemas, que esses padrões abrem para os atores sociais básicos. Cumpre, portanto, identificar e conhecer esses atores, nos papéis que são chamados a representar nessa ordem social. Primeiro o povo, captado pelo segmento que teve o pior ponto de partida de todos para integrar-se nessa ordem social: o negro escravo. Depois, as classes dominantes burguesas, tanto mais mergulhadas no exercício da dominação quanto menos as estruturas da dependência lhes dão margem para avanços históricos reais. Padrões e dilemas; condições objetivas e ações possíveis; atores frustrados e oportunidades perdidas; por detrás desses temas constroem-se a questão das mudanças das condições e da criação de oportunidades novas.

Em trabalhos mais recentes de Florestan, vislumbra-se, sem prejuízo do rigor analítico, uma certa revitalização de temas utópicos — utópicos no sentido da preocupação não apenas com o aqui e agora mas com as virtualidades inscritas na sociedade presente e só realizáveis ao cabo de transformações mais ou menos profundas. Para ver isso é o caso de ler conjuntamente seu livro sobre a revolução



burguesa no Brasil e a obra que de certa forma é sua contrapartida, sobre a revolução cubana, e, finalmente, as reflexões sobre a Sociologia e a sociedade no capitalismo avançado, quando discute a "natureza sociológica da Sociologia". Nessas três obras, que sintetizam uma etapa decisiva do pensamento de Florestan, articulam-se todos os seus grandes temas, num trabalho em que a análise mais implacavelmente crítica das condições presentes não obscurece o clarão da possibilidade que brilha no horizonte, e é discernível pela análise e alcançável pela ação, desde que ambas não esmoreçam e saibam caminhar juntas".

(JBBP)

\*

#### PROF. CLAUDE LÉVI-STRAUSS REVISITA A USP

Quase cinquenta anos após deixar a Universidade de São Paulo, onde foi professor por vários anos, o antropólogo Lévi-Strauss revisitou a Instituição, no dia 18 de outubro, por ocasião de sua volta a São Paulo, fazendo parte da Comitiva que acompanhou o Presidente François Mitterant, em sua vinda ao Brasil. Nessa oportunidade, o Prof. Lévi-Strauss foi homenageado por alunos e professores do Departamento de Ciências Sociais. Saudou-o em nome do Departamento o Prof. Egon Schaden, seu ex-aluno, destacando o papel do cientista francês na consolidação do ensino e da pesquisa da antropologia brasileira, através de sua docência na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Respondendo a saudação, Claude Lévi-Strauss relembrou seus antigos alunos de Antropologia, falou da emoção de rever São Paulo e de sua perplexidade com as dimensões atuais de uma despreziosa universidade que ele ajudou a fundar. "Uma das grandes alegrias de meus derradeiros, de meus últimos anos", finaliza Lévi-Strauss, "é ver que das poucas centenas de estudantes do passado, vocês fizeram uma Universidade tão importante, vocês chegaram a ser 48 mil alunos. E quero por isso agradecer-vos a oportunidade sem par que todos me deram de ter podido acrescentar o meu saber como uma parcela da obra que é hoje essa Universidade, a Universidade de São Paulo. Obrigado".

\*